

## **Ex-ministro da Fazenda brasileiro defende fim do euro em entrevista ao Le Monde**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Le Monde* 7.8.2012

Para tirar a zona do euro da crise, é necessária uma solução: acabar, de maneira ordenada, com a moeda única. Essa é a visão defendida pelo brasileiro Luiz Carlos Bresser-Pereira, professor emérito de economia da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, e várias vezes ministro nos anos 1980 e 1990. Ele foi, em particular, ministro da Fazenda em 1987, quando o Brasil reestruturou sua dívida pública.

**Le Monde: Para o senhor, quais são as raízes da crise que estão abalando a zona do euro?**

**Luiz Carlos Bresser-Pereira:** É basicamente uma crise da balança de pagamentos. Um grande erro foi cometido na criação do euro: o de controlar unicamente os déficits das contas públicas e não as contas correntes, apoiando-se na doutrina liberal que exige que o setor privado sempre seja equilibrado pelo mercado.

Isso resultou em uma crise de taxa de câmbio interna na zona do euro, com um euro supervalorizado para os países que hoje se encontram em dificuldades. Um movimento amplificado pelas reformas iniciadas por Gerhard Schröder e pela euforia que tomou conta de países como a Espanha, onde o endividamento privado disparou.

Resultado: o euro se tornou uma moeda estrangeira para um grande número de nações da União monetária. Não há nada pior para um país do que estar endividado em uma moeda estrangeira. No caso inverso, sua soberania talvez possa ser preservada, principalmente ao desvalorizar sua moeda. Mas isso não é possível hoje.

**Le Monde: O que o senhor acha dos debates instaurados pelos europeus para tentar conter a crise?**

**Bresser-Pereira:** A controversa austeridade contra o crescimento é um engano: o crescimento não resolveria os problemas de taxa de câmbio que afetam certos países. Quanto à austeridade, é uma forma muito ineficaz e injusta de resolver a crise, adequada para a França, por exemplo, mas não para a Espanha...

Certamente houve duas medidas corajosas. Primeiro, a grande injeção de liquidez pelo Banco Central Europeu (BCE), uma ferramenta que por muito tempo foi tabu: isso resolveu o problema dos bancos, ainda que não tenha salvado os Estados. Depois, os planos atuais para reforçar a união orçamentária e criar uma união bancária.

Essa saída federal merece ser tentada, embora eu acredite que o caminho mais sensato seja acabar com o euro de uma maneira coordenada e bem planejada.

**Le Monde: Então é preciso voltar às moedas nacionais?**

**Bresser-Pereira:** A construção europeia é um belíssimo projeto, vocês têm os sistemas políticos e sociais mais avançados do mundo, mas o euro era ambicioso

demais. Uma moeda comum só pode existir em um Estado federal onde os Estados federados praticamente não tenham mais autonomia fiscal, onde a dívida seja controlada pelo Estado federal. Só que conseguir criar um verdadeiro Estado federal levará muito tempo, e vê-lo surgindo a curto prazo é quase impossível: é só olhar o tamanho do orçamento europeu, que só representa cerca de 1% do produto interno bruto (PIB) da União Europeia.

Se vocês persistirem em manter o euro vivo, a probabilidade de vê-lo afundar de maneira descontrolada vai aumentar a cada dia, o que faria com que toda a construção europeia desabasse em seguida.

Seria necessário um plano de saída bem definido: cada um dos 17 países voltaria no mesmo dia à sua própria moeda; de imediato, os Estados mais endividados realizariam uma desvalorização para reconquistar competitividade, antes de voltar a uma faixa de flutuação de câmbio como antes da criação do euro; paralelamente, uma união bancária limitaria o impacto sobre o plano financeiro, a fim de cortar a ligação entre os Estados e os bancos instalados em seus territórios.

**Le Monde: Mas os riscos são enormes, considerando a interação financeira e econômica entre os países da zona do euro. E isso corre o risco de matar a União Europeia...**

**Bresser-Pereira:** A união bancária limitaria justamente os riscos financeiros e amorteceria o choque. Acabar com o euro é uma solução que está longe de ser consenso, mas é preciso manter em mente que grande parte dos economistas são empregados pelo setor financeiro e dominam os debates. Só que o setor financeiro é em sua essência muito conservador...

Além disso, acreditar que a extinção do euro marcaria o fim da União Europeia é absurdo. Ela funcionava muito bem antes do nascimento da moeda única.

Uma divisa comum deve continuar sendo a meta da construção europeia uma vez aprovado o fim do euro, mas somente a meta final. E paciência se forem necessários dez ou vinte anos para recriá-la.

Tradutor: Lana Lim